AVEIRO, 30 DE JULHO DE 1976 — ANO XXII — NÚMERO 1119

SEMANÁRIO

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

I GOVERNO CONSTITUCIONAL

O desenho acima, da apreciada verve do nosso devotado colaborador A. TORRES — um caricaturista a notabilizar-se cada vez mais pela fecúndia da sua imaginação e pela justeza e oportunidade do seu inofensivo traço crítico —, chegou-nos precisamente na altura em que MARIO SOARES iniciava decisivas consultas para a formação do I GOVERNO CONSTITUCIONAL — que, por democrática e universal praxe, justificadamente foi chamado a formar. E o desenho vinha, então, encimado pela seguinte legenda: «MARIO SOARES recolhe sugestões dos Partidos e dos Sindicatos (Dos Jornais)». E, em baixo, este jocoso comentário: «— Oxalá não fique com os olhos em bico!...». Ora, porque o trabalho nos chegou tardiamente, não foi possível publicá-lo na devida oportunidade. Damo-lo agora à estampa: com os comentários, seria, na altura própria, inóqua graça; hoje, suprimida a jocosa literatura, é justa homenagem a MARIO SOARES — que, com seu exaustivo esforço, ultima (à hora do fecho desta página) a lista do elenco governativo (a que, por direito, preside), de que esperamos poder dar definitiva nota na próxima semana. E com esta singela homenagem vai um voto bem português: que o I GOVERNO CONSTITUCIONAL (uma auspiciosa esperança) seja (numa imperativa realidade) o arranque para a concórdia, para o progresso, para a dignificação universal das nossas gentes e da nossa terra.

REALIDADE e IDEAL OLÍMPICO

JOÃO HENRIQUES FIDALGO

OLÍMPIA, chamada «Cidade Santa» devido às festas de cariz religioso - desportivo que ali se realizavam, e considerada, por Alexandre Magno, a capital da Grécia, situava-se a noroeste do Peloponeso. Lugar privilegiado para a prática de competições desportivas de grande envergadura, pois rochas escarpadas a norte e a sul protegiam-no das ventanias, tinha, como pontos principais, um recinto sagrado, onde se situavam dois templos consagrados a Zeus e a sua esposa Hera, bem como um altar para os sacrifícios, um estádio — que comportava quarenta mil lugares — e um hipódromo.

Era aqui que tinham lugar os famosos jogos que reuniam milhares e milhares de gregos vindos de toda a parte.

A data das festas que se realizavam durante a semana de lua cheia que se seguia ao solstício de Verão, era anunciada por mensageiros que percorriam toda a Grécia, proclamando, ao mesmo tempo, a trégua sagrada.

Os peregrinos de Olímpia eram, por lei, considerados sagrados, a tal ponto que Filipe da Macedónia teve de pagar avultada multa por causa de soldados seus terem maltratado alguns destes caminhantes.

As festividades começavam

(Continua na pág. 4)

PROBLEMAS SOCIAIS

PILOTO QUE SE QUER AO LEME

ZÉ-DE-VIANA

O nosso tempo renegou algumas das grandes qualidades que dominavam no período anterior. Chamou-se «estúpido» ao Século XIX, mas, no futuro e até no passado recente, virão a divergir (e até já divergem) as opiniões; e não faltará quem sustente que o Século XX, no aspecto da clara razão, o bate aos pontos como candidato ao título.

Salta aos olhos que, enquanto se relaciona com o bom-senso, nos encontramos numa fase de puro retrocesso. Podemos considerar-nos, se isso importa satisfação para a nossa vaidade, mais inteligentes do que o homem de ontem, mas não tenhamos a ilusão de ignorar que perdemos muito com a sensatez e capacidade de realismo.

Vem isto a propósito dos estudantes e do estudo, ou da simulação de estudo como exercício e categoria profissional.

A mudança deve ter começado a operar-se no período intercalar que separa as duas guerras mundiais e por efeito dos traumatismos morais que elas determinaram.

Em todos os grandes países, a mobilização intensiva dos recursos humanos desintegrou a gente nova do seu condicionalismo moral e não

Continua na 3.ª página

CENTRO E NORTE DO PAÍS ESTÃO A ARDER!

LÚCIO LEMOS

SITUAMO-NOS em pleno mês de Julho, um dos quatro meses do ano habitualmente considerado com um dos mais cheios quanto aos sempre tão nefastos jogos nas matas de Portugal.

Algumas das mais densas (e ricas) regiões florestais do centro e norte do País (serra da Estrela, Seia, Covilhã, Oleiros, Penha etc. etc.) têm ardido e têm sido lambidas, impiedosamente, com uma intensidade e extensão tais, que todos os esforços desenvolvidos no combate às chamas se têm mostrado insuficientes e, em grande medida, infrutíferos.

Os bombeiros chegam a estar horas e horas seguidas a

Continua na 3.ª página

GOVERNADOR CIVIL

Em 12 de Outubro de 1974 (n.º 1031 do **Litoral**), noticiávamos nestas colunas e, com o merecido relevo em primeira página, que o Primeiro-Ministro e o Ministro da Administração Interna na altura, em portaria de 30 de Setembro antecedente, nomearam para o cargo de Governador Civil do Distrito de Aveiro, por conveniência urgente de serviço público, o Licenciado António Manuel Neto Brandão — um nome indigitado, para tais funções, desde o primeiro momento após o «25 de Abril» — sem discrepâncias e reiteradamente — pelos movi-

Continua na 3.ª página

TEMAS NAPOLEÓNICOS

JORGE MENDES LEAL

V—DUAS VEZES ABUKIR

Meu general, sois tão grande como o mundo, mas o mundo é pequeno demais para vós. (25.7.1799. General Kléber a Bonaparte, após a batalha terrestre de Abukir).

As operações militares que Bonaparte desenvolve alternadamente no Egipto correspondem, de todos os ângulos de vista e meditando as várias circunstâncias — propícias ou adversas —, ao logicamente exigível dum cérebro guerreiro que só encontra par em Alexandre, Aníbal, César e (convém começar a lembrá-lo) no nosso contemporâneo Giap. Não importa descrever a cintilante

Continua na 5.ª página

NÃO ACONTECEU...

ARAÚJO E SÁ

VÃO-ME continuando a entrar pela porta — sem que para tal eu dê um passo — notícias sobre Angola, mais ou menos frescas.

Sobre elas me debruço, sempre com particular atenção. O motivo é corriqueiro e adivinha-se: andei por lá! Melhor, talvez: lá «passei as passas do Algarve»... Sempre foram dois anos longe do que é de tudo o que era meu... Sempre foram dois anos junto do petróleo, do café, dos diamantes e de tudo o mais que nunca me tentou... Sempre foram dois anos a ver morrer... (E nem tão poucos como se possa julgar! Ai se o Hospital Militar de Luanda «falasse»...). Além de tudo, fui mandado «por imposição», terminologia drástica e expressiva para todo aquele que sempre gostou de só fazer o que lhe dá na real gana, num ostensivo e grato desrespeito pelos artigos e parágrafos dos regulamentos. Mas não foi bastante para que esse imenso território africano me não continue a correr nas veias como sangue, numa vivência compreensiva do seu actual dia-a-dia que me parece (oxalá me engane!) bem mais contrubado e enigmático do que quan-

Continua na 3.ª página

NEGÓCIO DA CHINA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE AVEIRO

AVISO

Serviço de Leitura e Cobrança

Avisam-se os Exmos. Consumidores que em virtude de férias do pessoal, a cobrança de consumos de água e electricidade do mês de Julho será efectuada no mês de Setembro.

As leituras dos consumos do mês de AGOSTO serão efectuadas conjuntamente com as do mês de Setembro e apresentadas a cobrança no mês de Outubro.

Aveiro, 9 de Julho de 1976

A DIRECÇÃO

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Processo n.º 95/75 2.º Juízo

Nos autos de Inventário Facultativo pendentes na segunda Secção de Processos deste Juízo, por falecimento de LUÍSA NUNES, que foi casada e residente na Quinta do Picado, freguesia de Aradas, desta comarca e, nos quais desempenha as funções de cabeça de casal Maria Nunes Alão, viúva, doméstica, residente na já referida Quinta do Picado, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação do presente anúncio, citando JOÃO ANDRÉ ALÃO, viúvo, actualmente ausente em parte incerta do Brasil e com última residência conhecida na Quinta do Picado, freguesia de Aradas, para, na qualidade de meeiro da herança assistir aos termos do referido inventário.

Aveiro, 15 de Julho de 1976.

O Juiz de Direito,
a) — José Alexandre de Lucena Vilhegas e Vale

O Escrivão Auxiliar,
a)—Fernando Augusto Correia

LITORAL - Aveiro, 30/7/76 — N.º 1119

Trespassa-se

Estabelecimento de mercearia, vinhos e café, como casa de habitação e quintal, situado frente à Estação da C. P. de Quintãs.

Informa: Casa Cabilhas, Quintãs — (telefone, 94105).

Vende-se

— terreno, em Ovar, para construção de prédio, situado na Rua Visconde de Ovar, n.os 275 e 277.

Informa-se pelo telefone n.º 22097 (Aveiro).

CASA — VENDE-SE

No Rossio, em Aveiro, com três frentes (Rua de João Afonso, 13, 14, e 15; Rua das Tricanas, 1 e 3; e Rua de Abel Ribeiro) e área total de 438 metros quadrados, sendo dois terços em quintal.

Informações pelo Tlef. 23441 — AVEIRO.

PRÉDIO EM AVEIRO

—VENDE-SE. Com três pisos, destinando-se o rés-do-chão a comércio, com frentes para as Ruas dos Mercadores e de Domingos Carrancho e para a Praça 14 de Julho. Trata o advogado José Luís Christo, Rua de S. Sebastião, 76-1.º, telefone 28321 (Aveiro).

Problemas Sociais

Continuação da 1.ª página

foram adoptadas medidas sérias para a reequilibrar.

Daí resultou, em toda a parte, por efeito directo ou capilaridade, a constituição de grandes massas de indivíduos praticamente ociosos e, portanto, disponíveis para todas as aventuras e para todos os excessos.

Criou-se a profissão de «estudante» e enraizou-se nos espíritos a ideia falsa de que o grau de cultura dos países se devia avaliar a partir da cifra de inscrições nas universidades, sem se ver que ela não era a expressão de uma realidade.

Passou a considerar-se como índice definitivo o número dos «estudantes», ainda que estes não estudassem coisa alguma e não tivessem qualquer função útil. Não se viu que a ociosidade representa um perigo e que, valorizando essa mocidade oscilante e incerta, se criavam graves riscos.

Mais uma maravilha do admirável mundo novo...

Ainda há bem pouco tempo, o Senhor Gomulka, chefe incontestado da Polónia comunista, decidiu adoptar sanções severas para os altos funcionários cujos filhos se distinguissem na crítica da ordem contituída e no ataque às posições doutrinárias do Partido, reclamando uma liberdade mais ampla do que aquela réstea que lhes é consentida. E o que é facto é que vários pais, comprometidos pelos seus descendentes, perderam os lugares, como aconteceu até com membros do governo da alta hierarquia do Partido.

Todos nós sabemos, evidentemente, que esta devolução da culpa violava os princípios fundamentais do direito de punir. Somente não vimos que a resolução adoptada de certo modo constituía uma homenagem à família e à autoridade paternal.

Responsabilizando os pais pelos actos dos filhos, considerados delituosos, os dirigentes da Polónia reconheceram, por forma expressa, a eficácia do pátrio poder.

Os pais só podem ser responsáveis desde que se considere que estão em situação de poderem impedir os filhos de praticarem os desmandos que se lhes imputam.

De outro modo, a violência excessivamente visível.

Tomando esta posição, os dirigentes do Comunismo polaco afirmam a convicção de que, no seu país, os chefes de família possuem uma autoridade efectiva e real.

Pelo que se vê no Ocidente, por certos exemplos de lá de fora e até de cá de dentro, tem-se a noção de que as coisas se não passam bem assim por toda a parte.

A verdade é que, no Ocidente, mesmo em países que professam o culto da ordem, os chefes de família perderam tanto o seu prestígio que não podem, ainda que o queiram, impedir as fantasias dos filhos e desviá-los do caminho das aventuras perigosas.

O tema pode ser largamente glosado.

O exemplo que citámos atrás, quando nos referimos à decisão tomada na comunista Polónia de responsabilizar directamente os pais dos moços estudantes pelas fantasias de que estes se permitem, não sendo muito embora de seguir à letra, sugere uma relação de ordem moral e um dever de consciência.

Não obstante o facto de implicar certas incomodidades para os pais, o reconhecimento das suas obrigações é correlativo da afirmação dos seus direitos.

Endossar aos chefes de família uma quota-parte das responsabilidades emergentes dos desmandos cometidos por aqueles que estão sob a sua autoridade, implica a consagração dessa autoridade e a primeira afirmação do seu carácter efectivo.

Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos e exercem sobre eles um poder inconfundível, que é o poder paternal.

Se os filhos praticam excessos, cometem actos delituosos e comprometem as suas carreiras, não pode ignorar-se que aos pais assiste o dever de moderarem essas expansões e de os orientarem no bom caminho.

É na família, no seio da família, que tem de concentrar-se a reacção contra a actividade subversiva que se desenvolve e visa, antes de mais nada, demolir as estruturas morais de cujo vigor depende a força vital da nossa juventude.

Não se espere que o Estado possa assumir, a título principal, essa missão de primeira urgência.

A salvação da juventude depende de democraticamente, acima de tudo, do regresso da família à sua tradição e à sua disciplina, da confirmação da autoridade do seu chefe, do restabelecimento da ordem e da hierarquia natural no domínio da vida familiar.

Nós não podemos ter, a respeito da nossa juventude, uma ideia pessimista. A forma como ela se bateu em Angola, na Guiné e em Moçambique respondeu pelo seu patriotismo e pela sua fidelidade ao que foi tido como imperativo do interesse nacional...

Foi exemplar a corajosa aceitação dos riscos e dos sacrifícios por parte dessa mocidade ardente que cumpriu o seu dever, dando-se generosamente à guerra (injusta) nas terras ultramarinas.

Seria profundamente ingénuo acreditar que, na rectaguarda, existiria, como factor dominante, uma outra mocidade de sinal inverso, desprendida da seriedade da vida, repelindo os valores morais e alheia a todas as concepções de civismo.

Se é certo que representa uma grande força a disciplina militar, assim como a coesão da tropa, enquadrada pelos seus elementos de escol, também não há dúvida de que esses factores positivos não teriam o poder mágico de, pelo simples prestígio da farda, converter os transviados em heróis.

Não havia uma mocidade de África e outra da Metrópole. Se esta se encontrava perturbada, e se nela existiam elementos em plena desorientação, nem por isso é lígitimo admitir que toda ela, ou mesmo uma significativa percentagem, se tenha deixado arrastar para o campo da subversão.

Pode certa atmosfera de rebeldia ser, até dado ponto, aliciante para a gente moça e responder às características de irrequietismo e turbulência, que são de sempre.

Pode haver (e houve em todos os tempos) a aparência, mais do que a realidade, de uma contradição de gerações — que o tempo se encarrega de esclarecer e rectificar. Mas essa posição não implica o irreparável e, em sua colectiva expressão, os novos de Portugal não podem ser considerados traidores.

Na batalha da recuperação do novo Portugal, em que todos os Portugueses devem estar inteiramente interessados, a nossa Juventude tem de constituir a primeira linha. A juventude tem de aprender a defender-se das criminosas infiltrações e dos perigosos contactos com indivíduos mal formados, oportunistas e golpistas... que, à custa dos outros, pretendem definir as suas posições... individuais!

Relembrando as palavras, muito objectivas, do novo Presidente da República — General Ramalho Eanes —, ninguém, melhor do que ele, estará em posição (ele próprio o diria face à sua Candidatura) de percorrer um caminho que vá ao encontro da nossa identidade como Povo ameaçado por convulções que, inspiradas por projectos pouco originais, não tiveram em conta os nossos valores de cultura, o que implica agora o desbloqueamento do País, política, económica e socialmente colocando um ponto final na demagogia.

Ninguém melhor do que Ramalho Eanes, poderia ser guardião da Democracia — política, social e económica — e fomentador dum progresso equilibrado, duma possível e viável sociedade de direito e de justiça social, já que ele é impoluto representante do verdadeiro espírito do 25 de Abril. Com Eanes, vamos construir o nosso novo Portugal, a que, de facto e de direito, pertencemos.

O passado foi uma utópica tentativa de viagem, mas que se pode transformar nos úteis rumos do futuro, com Ramalho Eanes ao leme da embarcação.

Tenhamos fé e saibamos dar o nosso contributo — como bons marinheiros que todos somos...

ZÉ-DE-VIANA

O Centro e o Norte do País já estão A ARDER!

Continuação da primeira página

lutar contra um inimigo que não cede facilmente, nem mesmo quando, lado a lado com os bombeiros — os mais sacrificados e os mais desprotegidos quanto aos meios de combate de que dispõem — se juntam os soldados, os populares, os homens dos Serviços Florestais, actuando em terra ou servindo-se de meios aéreos (helicópteros e aviões) de reconhecimento e de extinção.

Os fogos chegam a ser extintos; mas, pouco tempo depois (excesso de calor? malvadez? negligência?) reacendem com uma intensidade enorme, que mais vem complicar e agravar a generosa missão das forças empenhadas no combate.

Enfim, estamos perante uma catástrofe nacional que todos os anos se vem repetindo sem que, em contrapartida, se estabeleça e defina a nível superior, com a devida antecedência, um plano devidamente coordenado de prevenção e combate a este tipo de fogos e, sobretudo, se facultem os meios de que os Bombeiros tanto necessitam e para os quais, constantemente, têm vindo a apelar.

Até quando se manterá esta lamentável situação de que a grande vítima é a nossa já tão depauperada economia?

Esperemos que o Tenente Coronel Costa Brás, Ministro da Administração Interna do I Governo Definitivo e uma pessoa que, segundo sabemos, nutre grande admiração e respeito pela causa a que os Bombeiros se dedicam, saiba agarrar-se ao problema, encontrando para ele as soluções mais adequadas.

Encontradas e postas em prática as soluções mais convenientes, o País ficará em condições de minimizar dramas humanos e de, simultaneamente, evitar que todos os anos sejam devorados pelo fogo milhares e milhares de árvores do nosso património florestal.

LÚCIO LEMOS

NÃO ACONTECEU...

Continuação da 1.ª página

do galgava 500 quilómetros infindáveis, por picadas lamacentas ou com pó da cor do sangue daqueles que nelas tombaram para sempre (sim, para sempre!), para ir até à Damba, nas redondezas de Maquela-do-Zombo, quase nas profundas do Inferno, pôr «operacionais» as dentaduras sagradas de milhares de rapazes (soldados de valentia ímpar e destemor inigualável) que me foram confiados. Pois «O Primeiro de Janeiro» de 9 de Fevereiro último, fez-me saber que em **Luanda abriu a primeira «Loja do Povo»**, em pleno centro dos muceques, onde vivem mais de quatrocentas mil pessoas e que conheço como as palmas das minhas mãos. Pelos muceques andei com o Coronel-Aviador João da Cruz Novo — *cagaréu* de gema — e com outros mais, em noites que nem me apetece recordar, tamanha a afectividade que os negros me dispensavam, sabendo que eu nunca aceitaria que a cor da pele nos pudesse dividir.

O objectivo desses autênticos supermercados do pobre é oferecer, pelos mais baixos preços, os produtos alimentares essenciais e combater a especulação. Claro que achei — *à priori*, note-se bem — uma atitude de louvar. Mas não embandeirei em arco! Ando por cá, há muitos anos e tenho da vida o calo e a ronha suficientes para não bater palmas apenas por ouvir os aplausos do ingénuo que está a meu lado... Vender a «baixos preços» (como afirma o articulista) é milagre nos dias que vão correndo. Sobretudo por cá, onde as donas de casa fazem autênticos malabarismos (porquê não dizer milagres?...) para que se não afunde a barca frágil dos orçamentos domésticos. O «caminho» para o fim do mês (num caminhar para o socialismo ou para outra coisa qualquer) contitui autêntica tormenta, inegável calvário a subir com uma cruz às costas, duro obstáculo que nem sempre se vence. Tudo é mais caro, tudo *vale mais*, tudo sobe, contrastando com o «metal sonante» que cada vez menos valor tem. Mas dizia eu que não embandeirei em arco com as beneméritas «*Lojas do Povo*» angolanas, na sua aparência uma atitude «cristianíssima» do Dr. Agostinho Neto que, pelo que julgo e sei, se está nas tintas para tudo aquilo que lhe possa cheirar a cristianismo. E que tive ensejo de saber (o que me parece significativo e de primordial importância) que o abastecimento da primeira «*Loja do Povo*» (do «Povo» pois claro!) em Luanda foi assegurado por antigos *stockes* deixados pelos portugueses. Note-se bem: deixados pelos porugueses, por gente honrada e digna, por aqueles que por cá vão passando agora privações de toda a natureza, alguns quase condenados a estender a mão à caridade, mendigos autênticos, sem condições mínimas de subsistência, vivendo de promessas, sem perspectivas de emprego, ao deus-dará, não sabendo como alimentar e vestir os filhos, olhando o futuro com descrença, na contingência de terem de emigrar, psiquicamente traumatizados, maldizendo a sorte, batendo a todas as portas numa tentativa desesperada de legítima melhoria de vida. E em Angola (na terra dos diamantes e do petróleo), na terra onde labutaram uma vida inteira, onde enterraram os seus mortos e donde tiveram que fugir (como autênticos indesejáveis) em condições degradantes de pobreza extrema, abastece-se a primeira «*Loja do Povo*» com aquilo que os portugueses lá deixaram, com tanta coisa que agora vem fazendo falta a esta gente que vive na miséria, que ganhava a vida honradamente, que nunca explorou ninguém, que tudo perdeu sem que o merecesse, a quem Angola tudo deve. É caso para comentar: o Dr. Agostinho Neto — que se me revelou um «financeiro» de inegáveis méritos! — fez um autêntico *negócio da China*. Vem vendendo, com o maior descaramento deste mundo, aquilo que ao seu MPLA não custou um centavo, aquilo que não lhe pertence, que é património legítimo de milhares de portugueses que vêm passando privações. Bem o poderia ter mandado para cá, para os seus legítimos donos... Ou então (na pior das hipóteses) dá-lo à borla aos seus «camaradas» e correligionários angolanos... Mas não: vende o que não é seu! Pelo que sei, o *leader* do MPLA não vê a China com bons olhos. Mas nem por isso deixou de fazer um «negócio da China»... Aproveite-se, já agora, a oportunidade para dizer que, no que toca à China, o Dr. Agostinho Neto e eu estamos filiados no mesmo partido. Nenhum de nós é chinês... Ambos fomos portugueses... Eu continuo a ter a nacionalidade que sempre tive... O novo «camarada» de partido anti-chinês mudou de nacionalidade... Com efeito, o senhor Mao Tsé Tung nunca me caiu no goto. O facto de gostar imenso de arroz — sobretudo de lampreia! — não me parece razão bastante para me «apaixonar» pela sua pessoa e para me deixar levar pelas suas ideias à laia de adolescente casadoiro. Além do mais, até me ficaria mal tal «paixão», pois não tenho os olhos em bico, não tenho a pele amarela, sempre fui comprido de pernas e só consigo comer com garfo e faca, à boa maneira europeia, factores estes arredios dos caracteres cromossómicos e dos hábitos das gentes orientais. «Pausinhos» (que até são maiores do que «palitos»...) constituem estranho e incómodo utensílio que nada me interessa experimentar (antes pelo contrário!), que detesto profundamente (por todas as razões e mais algumas!), mesmo utilizados somente para comer arroz... Sendo de lampreia, pior ainda: ficaria o molho no prato! Porque na China (que me conste) não se usa pão torrado para ensopar, é óbvio que perder o paladoso molho da lampreia seria crime, pecado mortal, desperdício deplorável, atentado grave à culinária requintada da nossa terra, afronta à mísera economia nacional que exige que tudo se aproveite e nada se atire para o caixote do lixo.

Por isso mesmo, admito, em maré de tudo se aproveitar, que haja por aí quem faça croquetes e rissóis com os restos dos pratos! Tal nem me interessa, pois nunca mastiguei comida mastigada já, razão por que os croquetes e os rissóis constituem ementa burguesa que detesto, que repudio, que não aceito, que há muito «saneei», que me enoja, que me causa náuseas, em que não voto. E ninguém tem nada com isso, pois o voto é livre! Mas dizia eu que o Dr. Agostinho Neto não vê a China com bons olhos. O mesmo não acontece com Cuba e com a União Soviética... Nem espanta, pois não é possível agradar a Deus e ao Diabo! Mas nem por isso, com as «*Lojas do Povo*», deixou de fazer um «negócio da China». Lá diz o velho ditado: «amigos, amigos, negócios à parte»... Ora a China é uma coisa e os negócios são outra. Pois claro!...

ARAÚJO E SÁ

Governador Civil

Continuação da 1.ª página

mentos democráticos distritais. Simultaneamente, publicámos então a biografia do distinto aveirense, nascido na próxima freguesia de Eixo.

Na tarde de 9 daquele mês de Outubro-74, Neto Brandão assumia, de direito, as elevadas funções, em acto de posse concorridíssimo, presidido pelo Ministro da Administração Interna Tenente-Coronel Costa Brás. Costa Brás deixaria posteriormente a importante pasta governamental; mas ,de novo, neste I Governo Constitucional, Costa Brás foi chamado para as mesmas responsabilizantes funções.

Antes, porém, da posse do Governo de Mário Soares (fixada para a decorrente semana), Neto Brandão — numa atitude de relevante coerência — depôs o cargo, com o compromisso, porém, de continuar no Governo Civil enquanto não for substituído.

Reiterando quanto aqui dissemos, por várias vezes, quanto à respeitável personalidade do Dr. Neto Brandão (designadamente no último número deste jornal), não nos demitimos de vir a prestar, de novo, a merecida justiça a quem, ao longo de duas dezenas de penosos meses, serviu abnegadamente o Distrito em que viu a luz.

Pede-se para Aveiro uma REGIÃO DE SANEAMENTO BÁSICO

Em reunião inter-câmaras do Distrito, realizada, no Governo Civil, em 21 do corrente, foi decidido reivindicar do Governo a criação de uma Região de Saneamento Básico para a Bacia do Vouga — abrangendo todos os concelhos que hoje estão incluídos no projecto de aproveitamento hidráulico daquela zona — e, também, que essa região tenha a sua sede em Aveiro.

NOVO HORÁRIO DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA

De acordo com um comunicado emitido pela Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro, entrou já em vigor, ainda que a título experimental, um novo horário para o público, na sede do edifício da Acção Médico-Social, que passou a ser o seguinte: de segunda a sexta-feira, das 9 às 13 e das 14 às 18.30 horas; aos sábados, os serviços estarão encerrados.

Pelos SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

A Câmara Municipal de Aveiro aprovou o orçamento dos Serviços Municipalizados, que apresenta uma receita e despesa da ordem dos sete mil e cinco contos.

QUIOSQUE NA AVENIDA PARA VENDA DE JORNAIS

Na última sessão camarária, procedeu-se à abertura das propostas para a exploração de um quiosque situado na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, destinado à venda de jornais, revistas, tabacos e outros produtos similares.

Apresentaram-se a concurso 12 concorrentes, com propostas compreendidas entre os 80 e 108 contos, tendo sido feita a adjudicação do concurso à proposta mais elevada.

Pela CÂMARA MUNICIPAL

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro (Bombeiros Velhos) solicitou ao Município aveirense a concessão de um subsídio extraordinário como ajuda para o pagamento complementar de um carro-nevoeiro que recentemente adquiriu.

A Câmara pronunciar-se-á, em futura reunião, sobre o assunto.

OBRAS DE BENEFICIAÇÃO DO RINQUE DO PARQUE

O rinque do Parque do Infante D. Pedro, onde se deixaram de praticar, de há muito, diversas modalidades desportivas, irá ser objecto de obras de ampliação e de beneficiação, cuja empreitada foi já atribuída pelo Município aveirense, pela importância de 140 contos.

Entretanto, a Delegação da Direcção-Geral de Desportos concedeu, para o efeito, um subsídio de 50 contos, suportando a Câmara a diferença daquele encargo.

FESTIVAL POPULAR EM CACIA

O C. A. T. da Celulose, de Cacia, promove, amanhã, sábado, com início às 22 horas, mais um dos costumados festivais que tem vindo a realizar aos fins-de-semana, de novo com os habituais atractivos e a colaboração de um conjunto musical.

MOTORIZADAS PARA OS SERVIÇOS MUNICIPAIS

O Município aveirense decidiu adquirir doze motorizadas para os seus serviços, tendo sido aprovada a proposta de fornecimento de uma firma especializada que apresenta o preço unitário de 12 500$00.

ASSEMBLEIA DE ADERENTES DO PARTIDO SOCIALISTA

Foi marcada para hoje, sexta-feira, 30, na Secção de Aveiro do Partido Socialista, uma Assembleia de Aderentes, que terá o seu início às 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos :1 — Informações; 2 — Eleições; a) Mesa da Assembleia de Aderentes; b- — Comissão de Fiscalização de Contas; c) — Delegados à Federação Distrital; 3 — Assuntos de interesse para a Secção.

«SEMANA DA RIA»

No mês de Setembro próximo, o Município ilhavense levará a efeito a denominada «Semana da Ria» — feira de amostras que terá, ainda, colóquios de natureza cultural e económica.

Esta jornada — que deverá contar, também, com a colaboração da Câmara de Aveiro e da Universidade aveirense — realizar-se-á, muito provavelmente, ao mesmo tempo da «Agrovouga-76», e em complemento desta.

ASSOCIAÇÃO DE EX-PÁRA-QUEDISTAS

Por iniciativa de antigos militares da especialidade, irá formar-se uma Associação de ex-Pára-Quedistas do Centro, que terá a sua sede social nesta cidade.

DRAGAGEM DA BARRA

Conforme anunciámos nestas colunas, a draga «Arantes e Oliveira» encontra-se já em actividade na entrada da barra de Aveiro, prevendo-se que venham a ser retirados daquele local cerca de 250 mil metros cúbicos de areia.

Problemas do TRÂNSITO CITADINO

De há alguns dias a esta parte, têm vindo a ser demarcadas, nas diversas artérias citadinas, as passadeiras (denominadas «zebras») destinadas à passagem de peões.

Tomada de posse dos NOVOS DIRIGENTES DO BEIRA-MAR

Foi marcado para a noite de hoje, 30, às 22 horas, o acto de posse dos novos dirigentes do Sport Clube Beira-Mar, eleitos em Assembleia Eleitoral no passado da 16, conforme notícia dada à estampa nestas colunas.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 30 — às 21.15 h.

O ATAQUE DOS 7 MAGNÍFICOS — com Lee Van Leef, Stefanie Powers e Pedro Armendariz Jr. — interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 21 — 15.30 e 21 30 h.

O SARGENTO ROMPIGLIONI — com Francesca Romana, Mario Carotenuto e Corine Picolo — não aconselhável a menores de 13 anos.

Domingo, 1 — às 15.30 e 21.15 horas e 2.ª Feira, 2 — às 21.15

CLUBE PRIVADO — com Philipe Gaste, Eva Stroll e Anne Libert — interdito a menores de 18 anos.

Brevemente: A Mão de Ferro e Corbori — O Revolucionário.

Teatro Aveirense

Domingo, 1 — às 15.30 e 21.15 horas e 2.ª Feira, 2 - às 21.15 h.

HENNESSY, O MILITANTE — não aconselhável a menores de 13 anos.

Quarta-feira, 4 — às 21.15 h.

BRINCANDO COM A SORTE — não aconselhável a menores de 13 anos.

Quinta-feira, 5 — às 21.15 h.

OS HOMENS NASCEM IGUAIS — não aconselhável a menores de 18 anos.

Brevemente: A Torre do Inferno; Sangue Chama Sangue; e a Cidade do Crime.

Realidade e Ideal Olímpico

Continuação da 1.ª página

com um sacrifício em honra de Zeus e, logo após o juramento de lealdade na luta, proferido pelos atletas, entrava-se no estádio, cuja pista tinha duzentos e onze metros de comprimento por trinta e dois de largura, dando-se início à primeira prova, que consistia na corrida dos duzentos e onze metros, seguindo-se a corrida dupla, isto é, a dos quatrocentos metros e, por fim, a corrida de fundo: catorze quilómetros.

Passava-se, depois, à luta e ao pugilato que, a julgar pelas palavras irónicas de um anónimo dirigidas a um dos sobreviventes dum combate, Estratofonte, não devia ser muito meigo: «Ó Estratofonte, Ulisses, após vinte anos de ausência de sua casa, foi reconhecido pelo seu cão Argos; mas tu, depois de quatro horas de sopapos, tenta voltar para casa e verás que recepção te fará o teu cão. Nem ele te reconhecerá».

E estes eram os jogos que compunham as primeiras Olimpíadas. Contudo, o seu êxito foi aumentando, pelo que os organizadores introduziram novas provas, como, no hipódromo, duríssimas corridas de cavalos e, no estádio, o pentatlo — que compreendia o salto, o lançamento do disco, o lançamento do dardo, a corrida e a luta. A este quinteto lúdico só eram admitidos os cidadãos gregos que pertencessem à boa sociedade e tivessem «boa consciência para com os homens e os deuses».

Mas estas festas olímpicas não se resumiam apenas a competições desportivas. Na realidade, ao lado do estádio e do hipódromo, erguiam-se tendas e barracas onde os vendedores expunham as suas mercadorias, os saltimbancos mostravam as suas acrobacias e os poetas declamavam as suas obras. Para os forasteiros mais exigentes, não faltavam também teatros, bailes e até exposições de pintura e escultura. E, aproveitando esta vasta multidão, políticos sagazes faziam a sua propaganda e os próprios deuses conseguiam proveitos chorudos através dos oráculos.

Estas celebrações olímpicas talvez tivessem início por volta de 776 a. C., terminando, por ordem do imperador Teodósio, em 394 da nossa era.

Foi Pièrre de Fredy, barão de Coubertin, quem, em 1896, quinze séculos mais tarde, restaurou as Olimpíadas que, desde então para cá, se têm vindo a realizar quadrienalmente, excepto em tempo de guerra, procurando avivar e purificar o ideal olímpico que ele exprimia deste modo: «Apesar de certas desilusões que arruinaram, momentaneamente, as minhas mais belas esperanças, creio ainda nas virtudes pacíficas e moralizadoras do desporto. Sobre o terreno do jogo, não há amigos nem inimigos políticos ou sociais. Somente homens que praticam o desporto, frente a frente». E Avery Brundage, ex-Presidente da Comissão Olímpica Internacional, afirmou que «o movimento olímpico tem por fim reunir os jovens de todo o mundo, para a promoção da amizade e da boa vontade internacionais. A sua política fundamental resume-se na igualdade e na ausência de discriminação».

No entanto, parece que estes jogos começam a ser utilizados como alavanca para fins políticos. Há quatro anos, em Munique, para além da Rodésia não ser admitida às competições, o mundo pasmou com o assassínio de onze atletas israelitas, perpetrado por alguns palestinianos. Este ano, também, nas Olimpíadas que estão a decorrer em Montreal, há já a assinalar dois casos «políticos»: a não aceitação, por parte do Canadá, da Formosa como representante da República Popular da China, e o boicote de vinte e um países africanos que se negaram a participar nestas Olimpíadas porque o Comité Olímpico não proibiu a participação da Nova Zelândia, acusada de ligações desportivas, concretamente a nível do râguebi, com a África do Sul, país onde se pratica o «apartheid», política condenada, quer pela ONU, quer pela OUA.

Mas se, por um lado, o ideal olímpico parece estar, cada vez mais, a sujar-se com os jogos e rivalidades políticas, feitos mais pelos governantes do que pelos atletas dos países participantes, por outro, concretamente, esta atitude «política» de alguns países africanos pode ser um grito de alerta para milhões e milhões de pessoas (com os olhos postos no Canadá, durante dezasseis dias consecutivos) que, tantas vezes, não concordando com a segregação racial e outras formas de injustiça, as aceitam na prática, quer pelo silêncio cobarde, quer pela atitude pouco humana de nada fazer para que a fraternidade e a justiça aumentem o seu reinado.

JOÃO HENRIQUES FIDALGO

Temas Napoleónicos

Continuação da 1.ª página

manobra dos «cinco quadrados», solução de cariz singelo e geométrico que lhe permitiu, nas Pirâmides, desbaratar com diabólica celeridade os impetuosos cavaleiros mamelucos; ou, prenunciando o epílogo da aventura egípcia, o brioso revés de São João de Acre — setenta dias de cerco improfícuo, todavia entremeados pela espantosa vitória sobre os turcos em Monte Tabor. Antes de voltar à França, é ainda contra os otomanos — desembarcados em Abukir com insolente opulência de meios — que ganha a última batalha. Nesse dia, os escassos mil homens a cavalo do general Murat, disparados em galope de carga numa soberba planície de quatrocentas toesas, passam raivosamente a fio de sabre mais de três milhares de turcos estupefactos. E desmente-se, na prática do sangue vertido, a linguagem conciliatória ensaiada com a Grã Porta. Como tantas outras quimeras serão em breve desfeitas...

Ao fim e ao cabo, Abukir é nome bem trágico da legenda napoleónica, mormente quando ligado à personalidade obstinada e rigorosa do notável almirante Horácio Nelson. O de Trafalgar. Havia sido ao largo de Abukir que o grande marinheiro britânico, pouco mais duma semana depois das Pirâmides, surpreendera e aniquilara por inteiro a esquadra francesa, cortando toda e qualquer comunicação do exército de Bonaparte com o continente europeu.

Desligado em absoluto de Paris, Napoleão ultrapassa a ideia do Egipto como simples conquista, optando pelo desafio, tão a seu gosto, de recrear um país em moldes ambiciosos e progressivos. Tinha lido com particular cuidado o «Maomé» de Voltaire, o Corão, as «Cartas» de Savary; e Volney fornecera-lhe informações minudentes e concisas sobre os mais longínquos pormenores da topografia, o clima, os costumes e as tradicionais dificuldades da região. Sabia de maneira cristalina, por exemplo, que o ingente problema da área — com implicações económicas e sociais ostensivas — era o da regularização no bom sentido das enchentes do Nilo. E que tanto se conseguiria mediante a construção de barragens e canais de irrigação, conforme, aliás, expressara a Desaix no decorrer da primeira viagem de inspecção ao Delta: «Se eu fosse dono destas terras, nem uma gota de água do rio se perderia no mar».

O Instituto do Cairo, que fundou sem demora, elaborou em curto prazo uma série de estudos: o cadastro predial, visando um sistema fiscal mais equitativo; a criação de tribunais mistos, com funções de conselho municipal; o processo de nomeação de magistrados, intendentes e costroladores; a construção de escolas, hospitais, museus; a reconstituição do traçado do antigo canal de Sesostris, que ligava o golfo do Suez ao lago Menzaleh. Por outro lado, a instituição dum novo tribunal supremo, cujo presidente logo foi incumbido de ler aos vogais um regulamento muito detalhado e objectivo, deixava já antever o legislador do Código Civil da França e o infatigável amante dos assuntos da justiça.

Indubitavelmente um ateu —de espírito aberto, portanto, ao aceitamento de qualquer religião, desde que útil... — mandou que se organizassem esplendorosas festas em honra de Maomé, bizarramente misturadas com outras, de igual magnificência, em homenagem aos feitos da República. Até os uniformes do exército adqirem uma certa feição orientalizada. Dirá Charles-Roux: *tratava-se de atenuar as diferenças aparentes, para acabar por diminuir as diferenças morais; conceber um casamento Ocidente-Oriente através de modificações no trajo e nos emblemas, enquanto, insensivelmente, se operava a mesma união no pensamento e nos hábitos.*

Quando, com solenidade a preceito, garante a sua próxima conversão ao islamismo, emerge o cínico expansionista de raiz cesariana — a relegião como instrumento político, num projecto que se sitende a Constantinopla, à Síria, à Tripolitânia e a toda a costa norte-africana. Nada lhe virá a agradar tanto como o cognome de «Sultão Kebir» que lhe deram as populações do Nilo — salvo, talvez, o recebimento quase simultâneo de mensagens de felicitações do Papa de Roma e do Xerife de Meca...

Sucedem-se, porém, as contradições e dicotomias que transformaram o surto egípcio em poema épico de efeito reduzido. Como até ao final da sua carreira, Bonaparte, sempre acossado de perto pela implacável diplomacia inglesa, não disporá do tempo necessário para concluir a actividade bélica e executar, em profundura, os planos multifacetados e de escala universalizante que lhe enchem a mente.

A intrépida carga de Murat em Abukir é o término de campanha que a si próprio impõe como suficientemente glorioso. Só que, para ele, o Egipto representava algo mais. E daí podermos considerar um derrotado o Napoleão que, no «Muiron», empreende o retorno à pátria em 22 de Agosto de 1799. Confia o comando a Kléber, duro e brilhante oficial que destroça irremissivelmente os turcos em Heliópolis, a 18 de Março de 1800, e se mostra capaz de manter a situação dentro dum relativo grau de estabilidade. Assassinado, no entanto, três meses depois, substitui-o apagadamente o frouxo Menou, que, perante a eficácia costumaz das forças anglo-turcas, vem a capitular sem beleza em Agosto de 1801.

Na Europa, Massena salvara a República ao vencer eminentemente as batalhas de Zurich. Mas a realidade actual é apavorante. A derrota dos exércitos do Directório no Reno, a perda da Itália, a desorientação da França mal servida por um republicanismo burguês, impetram sem disfarce o uso e abuso da «espada». A frase dirigida a Napoleão pelo orador expontâneo duma assembleia de província — *Vá, meu general, bata o inimigo e será o nosso rei!* — traduz o descrédito dum Directório imbecilmente vestido à moda de Francisco I, a ruína dos partidos desajeitados e nulos, o desarticulamento e a corrupção da máquina governativa. Prefere-se o déspota.

«O Directório treme à hipótese do meu regresso» — dissera Bonaparte. Já nos esquissos do 18 Brumário.

JORGE MENDES LEAL

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

No dia 6 do próximo mês de Outubro, às 11 horas, no Tribunal desta comarca, na Execução Hipotecária com processo sumário n.º 174/75, que o Exequente Argentino dos Santos Sousa, casado, residente em Travassô — Águeda, move contra a executada VENERANDA AUGUSTA DE JESUS LOPES, viúva, residente em Patela, freguesia da Glória, Aveiro, execução que corre seus termos na 1.ª Secção — 1.º Juízo do referido Tribunal, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lanço oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte prédio penhorado àquela executada: — «Casa de rés-do-chão, com duas habitações e logradouro, sita na Patela, limite da Presa, freguesia da Glória, Aveiro, a confrontar do norte e sul com a proprietária, do nascente com a estrada pública e do poente com Augusto Rodrigues Branco, inscrita na matriz urbana sob o art.º 2.188 e descrita na Conservatória do Registo Predial de Aveiro, sob o n.º 46.306, a fls. 54, do Livro B-121».

Vai à praça no valor de 115 200$00. — (CENTO E QUINZE MIL E DUZENTOS ESCUDOS).

Aveiro, 21/7/976

O Juiz de Direito,

a) — **Francisco da Silva Pereira**

O Escrivão de Direito,

a) — **Abel Vieira Neves**

FUTEBOL

BEIRA-MAR, 0 SALGUEIROS, 0

tenhos, e da vaga de panfletos (estes anónimos, em cobarde atitude dos seus autores...) chegados a Aveiro — uns e outros procurando fazer engrossar a falange de adeptos do Salgueiros, e, certos deles, com teor bastante infeliz, podendo adiantar-se serem os textos impróprios de desportistas autênticos! — era bem efervescente, na cidade da Ria, o clima com que se aguardava o jogo, último da «liguilla», e de importância manifesta para as aspirações das duas turmas.

Temíamos, em Aveiro, pela boa ordem do desafio, que, felizmente, e apesar da «guerra» latente, veio a decorrer dentro das boas normas, sobretudo dentro das quatro linhas do rectângulo verde, não sendo de levar em linha de conta alguns casos esporádicos, sem consequências surgidos entre o público e prontamente sanados — pois, em boa verdade, o futebol-espectáculo não foi ofendido, e, porventura, terá até ficado prestigiado, pela lição de brio e honestidade profissionais de que os futebolistas beiramarenses deram provas sobejas, não alinhando em aliciamentos de que foram alvo, no intuito de facilitarem a vida (vitória...) do seu opositor...

O encontro iniciou-se quase com uma dezena de minutos de atraso sobre a hora marcada — em deliberado e condenável procedimento dos responsáveis salgueiristas, que (o «caso» tinha sido mesmo propalado...), assim, pretendiam jogar, a seu favor, com a marcha do prélio Montijo - União de Tomar! A «manobra» foi de tal modo descarada e ostensiva que o próprio árbitro, ao aperceber-se dela, saiu do relvado e foi às cabinas, solicitando a entrada do grupo portuense...

Esse «plano», porém, viria a sair furado aos homens da turma de Paranhos — que, carecidos em absoluto de vencer em Aveiro (face ao êxito que cedo se desenhava no Montijo!), denotaram total inépcia global, no que respeita a manobra de índole ofensiva. Realmente, com elementos sobretudo empenhados na cobertura do seu reduto final (onde Vítor Cabral foi figura saliente, com um punhado de intervenções de muito valor e de classe), o Salgueiros foi equipa inofensiva, ao ataque, de que quase abdicou, de modo inexplicável, inconcebível para quem tinha de conseguir um golo, pelo menos (caso não cedesse nenhum, é óbvio...).

Contra-ataques inconsistentes e raros, contudo, não chegaram a perturbar a defesa aveirense que, deve dizer-se, passou por dois momentos de certo suspense — um em cada meio-tempo: aos 27 m., num centro-insistência de Reis, pela esquerda, falhando António Luís e Vítor a emenda, à boca da baliza; e, aos 85 m., depois de «fifia» de Guedes, a falhar um alívio e deixar a bola ao alcance de António Luís, num lance que Soares veio a conjurar, cedendo canot.

O grupo do Beira-Mar — que, pelo que se passou no Montijo, mesmo perdendo se manteria na I Divisão — comandou sempre as operações. Não se ressentiu da ausência de dois titulares (Inguila e Zezinho), nem ficou afectada quando, por lesão, o jovem Vítor — a subir de rendimento, lance após lance, e a ser «mandão» na zona em que actuava — teve de sair do relvado, forçando ao recuo de Guedes, para quarto-defesa, e à passagem de Sousa para a linha intermédia. Foi, fora de dúvidas, a única equipa articulada e a única que atacou, procurando golos que a levassem ao triunfo.

Que seria, afinal, o desfecho correcto para o desafio. O zero-zero é resultado sobremodo lisonjeiro para os portuenses, afortunados uma vez ou outra — casos de defesas de recurso, a pontapé instintivo e feliz de Vítor

Continuações da última página

Cabral, logo aos 6 m., num remate de Manecas, e aos 74 m., em disparo de Cremildo, cuja recarga, em «folha-seca», foi salva ,de cabeça, no risco, por Reis. Noutros lances, ainda, os auri-negros claudicaram na concretização — o caso mais flagrante ocorreu aos 82 m., depois de primoroso arranque de Laurindo, cujo endosso deixou Manecas com a baliza à mercê (registou-se, porém, um compasso de espera no pontapé final, que levaria a bola contra um pé de Wilson...); e, na maioria das jogadas, lá esteve Vítor Cabral, em tarde-sim!

O árbitro produziu trabalho correcto, muito equilibrado. E certo, sem falhas graves, em nosso entender — pois, no «caso» que, eventualmente, terá ocorrido ao longo dos noventa minutos, se guiou pelo fiscal de linha sr. Fernando Correia, seguro e firme ao assinalar fora-de-jogo a Manecas, numa jogada, aos 29 m., em que o avançado aveirense, bem solicitado por Laurindo, desferiu um remate que levou a bola ao fundo da baliza do Salgueiros...

Seria golo, sem esse impedimento, que, conscientemente, não garantimos ter existido; mas, honestamente, acreditamos ter sido um facto! E, sendo assim, andou bem o sr. Augusto Bailão.

SPORT CLUBE BEIRA-MAR

CAMPEÃO DA «LIGUILLA» TEM DE DEIXAR DE SER UM « SOBE - E - DESCE »

A temporada de 1975-76, prestes a findar (e já vamos dentro do Verão!), voltou a ser de intranquilidade. O Beira-Mar voltou a ter que defender a sua posição nas contingências de uma «liguilla» — torneio sempre ingrato, esgotante, em que há possibilidade de se ter fundo dissabor ,que os beiramarenses e os aveirenses já directamente sentiram na época de 1973-74 . . .

Ora, isto não pode, não deve continuar a ser assim. Servindo-nos de feliz expressão do novo treinador beiramarense, Manuel de Oliveira — em entrevista que nos concedeu e aqui publicaremos na próxima semana —, importará dar à vida desportiva do Beira-Mar, no futebol, uma rotação de cento e oitenta graus!

Importa, portanto, que todos os aveirenses saibam e queiram compreender os esforços que a Direcção do Clube encetou, em devido tempo, para valorizar o «plantel» — e a melhor forma de o fazerem será, por certo, dar o devido acolhimento às várias comissões que, pela cidade e pela região, encetaram já uma campanha de angariação de fundos a favor do Beira-Mar.

Vamos, a concluir, transcrever um texto alusivo a este empreendimento — promovido pelos órgãos directivos e por alguns bons e dedicados amigos do nosso Beira-Mar —, publicado no início da campanha em curso. São palavras claras, incisivas, em que todos temos obrigação de meditar; e que, por agora ,nos dispensam de mais comentários — para além do voto, que nos cumpre formular, do seu pleno êxito.

Eis o seu teor:

Aveiro merece uma equipa de futebol que não deslustre a sua dimensão.

O BEIRA-MAR é, definitivamente, um Clube da 1.ª Divisão Nacional — lugar que lhe pertence e que todos os seus adeptos ajudarão a conservar.

Mas a nossa equipa só poderá responder com uma classificação repousante, quando as gentes desta terra acordarem e derem provas do seu tão propalado bairrismo.

As boas equipas não aparecem por acaso, nem são produto milagroso de qualquer técnico consagrado. Têm, na sua base, avultados comparticipações anuais dos seus adeptos, receitas significativas dos seus bons estádios, apoio estável dos seus milhares de sócios.

Para melhor se ajuizar a humildade das c'assificações do nosso Clube, torna-se imperioso conhecer com verdade os pesados encargos, sempre crescentes, e as dificuldads, de toda a ordem, com que anualmente se debatem os corpos directivos, que não esquecem as obrigações contratuais, o respeito devido aos atletas profissionais e o carinho que devem merecer as actidades amadoras. Assim se evitariam calúnias infundadas e críticas destrutivas, que em nada abonam um Clube que se pretende, prestigiado e mais facilmente se compreenderia a razão deste novo apelo.

Não obstante as contingências que uma «liguilla» acarreta, está a Direcção firmemente apostada em oferecer aos beiramarenses uma equipa digna.

Para que o nosso bairrismo não seja palavra gratuita, vamos dizer SIM a um Beira-Mar MAIOR, vamos contribuir, na medida das nossas possibilidades para o guindar na próxima época ao lugar que lhe pertence e que há muito ambicionamos.

Futebol de Salão

fecho: 1-0, a favor do Big-Boss-Pronto-a-Vestir).

Classificações:

SÉRIE A — Barbearia Central, 17 pontos. Sociedade de Padarias Beira-Mar, 13. Sapataria Daly, 12. Estrela Desportiva da Forca, 11. Stand K.T.M. 10. Marimor, 7. Os Sornas da Frapil, 5.

SÉRIE B — Desportolândia, 15 pontos. Base Aérea n.º q. 14. Aprocred-Ebro, 13. Carbox-Ignauto, 10. Tonelux-Taludos, 10. Selfone, 9. J. A. P. A., 5.

SÉRI- C — Galeria do Vestuário, 17 pontos. Unimar, 14. Tonelux-Mirim, 11. Bombeiros Novos, 9. Torpedos/76, 8. Joys-Troca-Tintas, 6.

SÉRIE D — Café Centrolar, 16 pontos. C. D. Salreu, 15. Recauchutagem Riamar, 12. Coutinho & Filhos, 12. F.A.P., 8. Café Lavrador, 7. Belsan, 6.

SÉRIE E — Riauto, 15 pontos. Big-Boss-Pronto-a-Vestir, 13. Ourivesaria Benjamim, 13. Bairro do Alboi, 12. Pensão Aveirense, 9. Café Ponto final, 8. Henrique & Rolando, 6.

SÉRIE F — Distribuidora do Vouga, 16 pontos. Os D'Acrof, 12. Jomavil, 11. Team Queirós, 11. Os Cagaréus, 9. Bar Flamingo, 9. Ducauto, 8.

SÉRIE G — Adega 1.º de Janeiro, 16 pontos. Pop-Shop, 13. Centro de Estudos de Telecomunicações, 12. Os Velhotes, 11. Estrelas-Esperança, 8. Bombeiros Velhos, 6. Salão Zezita, 6.

SÉRIE H — Casa Santos-Toca do Grilo, 17 pontos. Assembleia da Barra, 13. Os Drogas, 12. C.A.T. 513, 11. A. C. Salreu, 7. Os Piratas, 7. Cerâmica Aleluia, 5.

SÉRIE I — Os Choras, 15 pontos. Barrocas-Papelaria Avenida, 14. Café Palácio, 11. Drogaria Central, 10. Riacor-Tupamaros, 8. Gráfica Aveirense, 8. Bairro de Sá, 0.

XADREZ DE NOTÍCIAS

ra (ex-Olhanense), Sobral (ex-Farense) e Abel (ex-Vitória de Guimarães) — todos com compromissos assinados por duas épocas; Manuel José e Jacques (ex-Farense) e o espanhol Francisco Tebar Perez «Paco», e não Pablo, como tem vindo nos jornais (ex-Hércules de Alicante) — que assinaram por uma temporada. Devem comparecer, no entanto, os elementos do anterior «plantel» em férias em Aveiro ou arredores — para quem o início dos treinos será em 16 de Agosto.

O Clube dos Galitos tomou parte, no domingo, em Lisboa, no Campeonato Nacional de Velocidade, em remo — na classe de «yolles», alcançando as seguintes (e modestas) classificações:

JUVENIS — «8» — 3.º lugar. JUNIORES — «4» — 4.º lugar. SENIORES — «4» — 3.º lugar, numa das eliminatórias. «8» — 5.º lugar.

Realizou-se, na quarta-feira, na sede da Federação Portuguesa de Futebol, o sorteio dos jogos do Campeonato Nacional da I Divisão — cujo calendário geral, como de costume, oportunamente publicaremos.

Indicamos, desde já, que, na ronda inaugural, a turma do Beira-Mar, defronta a equipa Varzim, na Póvoa do Varzim.

Convívio Distrital

Convívio Distrital, efectuaram-se, ao todo, 1048 encontros — fruto da laboriosa e cansativa actividade dos coordenadores (Prof. Pedro Nery e Prof. Leonel Abreu) e dos monitores (João Maria Alves Abelha, Arménio Alberto «Adé», José Vale, Carlos Alberto Mota Veiga, José Domingos e Silva, José Celestino Ribeiro, Leonel Abreu e Telmo dos Santos Maia) que orientaram as 45 Associações Locais de Minifutebol já existentes no Distrito de Aveiro.

LEILÃO

ANTIGUIDADES — DECORAÇÕES — ADORNOS — OBJECTOS DE ARTE

Dias: 30 - 31 de Julho e 1 de Agosto de 1976 (das 15 às 19 e das 21 às 24 horas)

À Ponte Praça (frente ao Banco de Angola) à entrada da R. Batalhão Caçadores 10 N.º 11 — AVEIRO

— Por ordem do seu proprietário, vão ser postos em praça os seguintes lotes: Mobília de sala de jantar, quarto de casal Luís XVI c/ embutidos, quarto de solteiro (francesa), mobília de escritório em pau preto, cama D. Maria, roupeiro inglês, cómoda D. João V e D. Maria, vitrina francesa, mesa de pé ao centro, grande, louceiro de vidrinhos, vitrina D. José, credência c/ espelho a ouro brunido, santuário D. José em pau-santo c/ imagens da época, armário rústico em castanho c/ almofadas, piano francês cofre pequeno, cómoda D. José, cadeiras em pau-preto e outras, relógios francês e inglês de caixa alta, papeleiro D. José, malões em couro, mesas diversas e grande variedade de móveis soltos. — PRATAS, FAIANÇAS, CRISTAIS, VIDROS, IMAGENS, RELÓGIOS, JARRAS, CARPETES, CANDEEIROS DE TECTO E MESA, BIBELOTS, etc. (BOA COLECÇÃO DE RELÓGIOS DE BOLSO)

Uma Organização da

RUA DE CAMÕES, 958 — PORTO — TELEFONES 496407 - 697661

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE AVEIRO

AVISO

FORNECIMENTO DE ÁGUA

Avisam-se os Exmos. Consumidares de água que, a partir de hoje, por motivo de substituição do grupo electrobomba que equipa o furo AC2 por outro de maior potência, será diminuído o caudal de água que abastece a cidade.

Por esta razão, somos forçados a algumas interrupções no fornecimento durante os próximos dias, em períodos noturnos.

Apelamos para a boa compreensão e colaboração dos Exmos Consumidores, limitando os consumos ao indispensável, pois só, desse modo, se poderá evitar cortes de maior amplitude.

O fornecimento será normalizado com a conclusão daqueles trabalhos, o que esperamos se verifique no começo da próxima semana.

Aveiro, 29 de Julho de 1976

A DIRECÇÃO

AMIGO

Valorize-se, coleccionando selos usados. Temos o que lhe convém, a preços excepcionais.

Escreva-nos para Apartado 147 — Cascais.

COMPRA-SE

— terreno para construção comercial ou industrial, com área superior a 5000 m2, nas proximidades desta cidade.

Resposta a esta Redacção, ao n.º 50.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Aveiro, correm éditos de DEZ DIAS, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores da Massa Falida de ADRIANO CASQUEIRA PIRES, casado, comerciante, da R. Dr. Francisco do Vale Guimarães, n.º 2, 3.º, Esq.º, Aveiro, para, no prazo de DEZ DIAS posteriores àqueles dos éditos, contestarem, querendo, a acção sumária com o n.º 71/F/73 que o Digno Agente do Ministério Público move contra aquela Massa Falida, sob pena de condenação no pedido, o qual consiste em serem verificados e reconhecidos créditos daquela entidade no montante de quinhentos e sessenta e quatro escudos — (564$00).

Aveiro, 19/7/976

O Juiz de Direito,

a) — Francisco da Silva Pereira

O Escrivão de Direito,

a) — Abel Vieira Neves

LITORAL - Aveiro, 30/7/76 — N.º 1119

HOSPITAL DISTRITAL DE AVEIRO

Novos horários da Consulta Externa a funcionar nas Novas Instalações a partir de 2.ª-feira, dia 15 de Março

Especialidades	Dias	Horas
OBSTETRICIA	2.ª-feira	10 h. — 11 h.
	3.ª-feira	10 h. — 11 h.
	5.ª-feira	10 h. — 11 h.
GINECOLOGIA	2.ª-feira	12 h. — 13 h.
	3.ª-feira	10 h. — 11 h.
	5.ª-feira	12 h. — 13 h.
ORTOPEDIA	2.ª-feira	9 h. — 11 h.
	» »	11 h. — 13 h.
	3.ª-feira	11 h. — 13 h.
	5.ª-feira	11 h. — 13 h.
CARDIOLOGIA	2.ª-feira	9.30 h. — 10 h.
	3.ª-feira	9.30 h. — 10 h.
	4.ª-feira	9.30 h. — 10 h.
	5.ª-feira	9.30 h. — 10 h.
	6.ª-feira	9.30 h. — 10 h.
PEDIATRIA	2.ª-feira	11 h. — 12 h.
	3.ª-feira	11 h. — 12 h.
	4.ª-feira	11 h. — 12 h.
	5.ª-feira	11 h. — 12 h.
	6.ª-feira	10 h. — 11 h.
UROLOGIA	3.ª-feira	9 h. — 10 h.
OTORRINO	2.ª-feira	9 h. — 11 h.
	5.ª-feira	9 h. — 11 h.
	6.ª-feira	9 h. — 11 h.
ESTOMATOLOGIA DUPLA	2.ª-feira	8.30 h. — 10.30 h.
	3.ª-feira	8.30 h. — 10.30 h.
	4.ª-feira	8.30 h. — 10.30 h.
	5.ª-feira	8.30 h. — 10.30 h.
	6.ª-feira	8.30 h. — 10.00 h.
CIRURGIA	2.ª-feira	12 h. — 13 h.
	» »	11.30 h. — 12.30 h.
	3.ª-feira	11.30 h. — 12.30 h.
	» »	12 h. — 13 h.
	4.ª-feira	12 h. — 13 h.
	5.ª-feira	11 h. — 12 h.
	» »	11.30 h. — 12.30 h.
	6.ª-feira	10 h. — 11 h.
OFTALMOLOGIA	2.ª-feira	11 h. — 12 h.
	4.ª-feira	11 h. — 12 h.
	6.ª-feira	11 h. — 12 h.
MEDICINA	2.ª-feira	8.30 h. — 12.30 h.
	3.ª-feira	8.30 h. — 12.30 h.
	4.ª-feira	8.30 h. — 12.30 h.
	5.ª-feira	8.30 h. — 12.30 h.
	6.ª-feira	8.30 h. — 12.30 h.

A DIRECÇÃO-GERAL DE SAÚDE

recomenda

DESINFECTE A ÁGUA PARA BEBER

Deite 2 gotas de desinfectante em 1 litro de água espere 1/2 hora e depois... beba à vontade

DESINFECTE FRUTAS, SALADAS E ALIMENTOS QUE COME CRUS

Deite 10 gotas de desinfectante em cada litro de água. Deixe 1/2 hora de molho totalmente mergulhados na água. Lave a seguir com a água de beber.

Este é o desinfectante que a Direcção-Geral de Saúde distribui gratuitamente através dos:

CENTROS DE SAÚDE • SUBDELEGAÇÕES DE SAÚDE
CÂMARAS MUNICIPAIS • JUNTAS DE FREGUESIA

SPORT CLUBE BEIRA-MAR

CAMPEÃO DA «LIGUILLA» TEM DE DEIXAR DE SER UM «SOBE-E-DESCE»

Repetimos, hoje, um título que saiu já há mais de um ano nestas colunas (cf. LITORAL n.º 1038, de 12 de Julho de 1975), quando se fazia relato e reportagem do desafio Beira-Mar - Oriental, que os beiramarenses venceram por 2-1, assegurando o título de campeões da «liguilla» e possibilitando o regresso dos «auri-negros» à I Divisão.

Esta intencional repetição de agora — para além do título, pretendemos martelar nas mesmas teclas: o Beira-Mar necessita de deixar de ser um crónico «sobe-e-desce»; Aveiro precisa do Beira-Mar na I Divisão, mas tem imperiosa obrigação de lhe garantir bases para uma vida tranquila, sem sobressaltos — tem a finalidade de, nesta hora de compreensível euforia, fazermos o mapelo aos aveirenses.

Continua na página 6

Tanto o Sport Clube Beira-Mar (que garantiu o posto que ocupava na I Divisão) como o Clube Desportivo Montijo (vice-campeão sulista e sub-leader no Torneio de Competência ,pelo que alcançou o direito a regressar ao escalão maior), envergam — por coincidência — camisolas amarelas, pelo que se pode dizer que o amarelo-doirado foi, este ano, a cor da «liguilla», a cor que, no passado domingo, motivou as quase infindáveis demonstrações de alegria das gentes de Aveiro e do Montijo — logo que se garantiu a presença de «auri-negros» e de «auri-verdes» entre os grandes do futebol português, ambição suprema de aveirenses e de montijenses, que morrem de amores pelo futebol !

Na gravura, acima, os componentes do «onze» beiramarense chamados a alinhar no desafio derradeiro — em homenagem que, bem se entenderá, tem de ser extensiva aos restantes colegas da época finda, entre eles, e de modo bem sentido e saudoso, aos malogrados Jerónimo e Arménio, valorosos futebolistas brutalmente ceifados em acidentes de viação.

AMARELO-DOIRADO A COR DA «LIGUILLA»

"LIGUILLA"

I/II DIVISÕES

Resultados da 6.ª jornada

Montijo - U. Tomar 4-0
BEIRA-MAR - Salgueiros . . . 0-0

Classificação final

	J	V	E	D	Bolas	P
BEIRA-MAR	6	2	3	1	8-5	7
Montijo	6	2	2	2	7-5	6
Salgueiros	6	1	4	1	6-6	6
U. Tomar	6	1	3	2	6-11	5

Mercê desta tabela pontual, o Beira-Mar manteve a sua posição no torneio máximo, a que o Montijo retorna, após duas épocas de ausência. O Salgueiros permanecerá na II Divisão, para que o União de Tomar se viu relegado, depois de cinco anos a fio no escalão principal.

BEIRA-MAR, 0 — SALGUEIROS, 0

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. Augusto Bailão, auxiliado pelos srs. Fernando Correia e Alfredo Pereira (que acompanharam, respectivamente, os atacantes do Beira-Mar e do Salgueiros) — equipa da Comissão Distrital de Lisboa.

As turmas formaram deste modo:

BEIRA-MAR — Domingos; Marques, Vitor, Soares e Almeida; Guedes, Cremildo e Rodrigo; Laurindo, Manecas e Sousa.

SALGUEIROS — Vitor Cabral; Celso, Braga, Valdir e Costa Almeida; Varela, Reis e Wilson; António Luís, Vitor e Nelito.

Substituições — No Beira-Mar, Vitor (por lesão), cedeu o lugar a Jorge, aos 59 m.; e, no Salgueiros, também, aos 59 m., Vitor foi rendido por Celestino, e, aos 75 m., saiu Nelito, entrando Xavier.

«Cartões Amarelos» — Para Vitor (Salgueiros), aos 47 m., por sucessivas faltas, cometidas sobre Laurindo e sobre Cremildo; e para Rodrigo (Beira-Mar), aos 83 m., depois de picardia sobre o salgueirista Celso.

A partida de domingo — jogada em tarde quente, mas, ao mesmo tempo, envolta em persistente neblina, coando os raios do astro-rei — atraiu avultadíssima assistência ao Estádio de Mário Duarte. Fez-se notar elevada falange de apoio dos salgueiristas — ruidosa e muito garrida, nas suas bandeiras e chapéus. E a receita bruta (dado que os sócios beiramarenses tiveram de se munir de bilhete especial, de 20 escudos) deveria ter atingido cerca de 660 contos — verba que apenas foi ultrapassada, no decurso do último «Nacional», quando das visitas a Aveiro do Benfica e do F. C. do Porto. A verba arrecadada pelo Beira-Mar ficou, no entanto, muito aquém — e, noutro ensejo a isso nos referiremos.

Depois da onda diária de comunicados, saídos nalguns matutinos nor-

Continua na página 6

CONVÍVIO DISTRITAL DOS 1.ºs JOGOS DE MINIFUTEBOL DE AVEIRO

Teve lugar nesta cidade, no último sábado, entre as 9 e as 19 horas, no Estádio de Mário Duarte, o Convívio Distrital que serviu ne encerramento aos 1.ºs Jogos de Minifutebol de Aveiro — competição orientada pela Comissão Executiva do Movimento Nacional do Futebol Juvenil.

Tomaram parte nestes jogos 284 equipas, com cerca de 3124 jogadores, dos 11 aos 14 anos (minis-B e iniciados); e, incluindo os 38 desafios do

(Continua na página 6)

FUTEBOL DE SALÃO

TORNEIO DO BEIRA-MAR

A primeira fase desta prova vai concluir-se na próxima segunda-feira, 2 de Agosto. No dia imediato, reservado ao sorteio alusivo aos jogos da fase final, que começa na quarta-feira, dia 4 — haverá no Pavilhão do Beira-Mar uma jornada de solidariedade: no intuito de se obterem fundos a favor de elemento da turma Pop-Shop, há dias gravemente lesionado, realiza-se o aludido festival, em que participam — numa voluntária e pronta anuência com os seus promotores — seis equipas (Barbearia Central, Big-Boss-Pronto-a-Vestir, Bombeiros Velhos, Sapataria Daly, Galeria do Vestuário e Pop-Shop).

Indicamos, adiante, nova série de resultados — desta vez até à jornada da última terça-feira, inclusive —, concluindo-se esta nótula com uma resenha das classificações registadas nas várias séries, também até terça-feira finda.

Resultados:

Dia 21 — Carbox-Ignauto, 5 - J. A. P. A., 2. Bombeiros Novos, 3 - Torpedos/76, 3. C. D. Salreu, 2 - Café Lavrador, 1. Riauto, 1 - Pensão Aveirense, 0.

Dia 22 — Bar Flamingo, 0 - Os D'Acrof, 2. Salão Zezita, 0 - Bombeiros Velhos, 4. Os Drogas, 0 - A. C. Salreu, 0. Ducauto, 1 - Cagaréus, 4.

Dia 23 — Estrela da Forca, 1 - Os Sornas da Frapil, 0. Base Aérea 7, 3 - Selfone, 0. Tonelux-Mirim, 2 - Satelauto, 3. Belsan, 1 - F.A.P., 2.

Dia 24 — Big-Boss-Pronto-a-Vestir, 4 — Café Ponto Final, 1. Jonavil, 4 - Team Queirós, 3. C. E. T., 5 - Os Velhotes, 3. C.A.T. 513, 3 - Os Piratas, 2.

Dia 26 — Riacor-Tupamaros, 1-Barrocas-Papelaria Avenida, 2. Barbearia Central, 0 - Padarias Beira-Mar, 0. Aprocred-Ebro, 16 - J.A.P.A., 1. Joys-Troca-Tintas, 1 - Torpedos/76, 7.

Dia 27 — Café Centrolar, 2 - Café Lavrador, 0. Henrique & Rolando, 1 - Pensão Aveirense, 3. Distribuidora do Vouga, 2 - Os D'Acrof, 1. Big-Boss-Pronto-a-Vestir, 1 - Riauto, 0. (Este último, é um jogo-repetição, mandado efectuar por ter sido dado provimento ao protesto apresentado pela turma da Riauto, relativamente ao desafio realizado em 23 de Junho findo. Registou-se, curiosamente, o mesmo des-

(Continua na página 6)

Xadrez de Notícias

Está marcado para 1 de Setembro o início dos treinos dos basquetebolistas do Illiabum, de novo orientados pelo técnico Carlos Bio.

Na próxima segunda-feira, 2 de Agosto, pelas 16 horas ,terá lugar a cerimónia de apresentação do novo treinador do Beira-Mar, Manuel de Oliveira.

Estão convocados os oito reforços conseguidos: Jesus (ex-Lusitânia de Lourosa), Quaresma (ex-Sporting), Poei-

Continua na 6.ª página

No momento da despedida

UM DEPOIMENTO DE FERNANDO VAZ

À frente da turma do Beira-Mar, desde 21 de Outubro do ano passado (a foto, ao lado, documenta a sua apresentação no «Mário Duarte»), o competente treinador FERNANDO VAZ não continua em Aveiro na próxima época, em que voltará à orientação do Vitória de Setúbal.

Na última segunda-feira, depois de um almoço de despedida que ofereceu aos futebolistas beiramarenses — retribuindo a homenagem que, na véspera, lhe fora prestada pelos jogadores e à qual se associaram os directores do Clube —, FERNANDO VAZ confiou-nos o seguinte e bem expressivo depoimento:

A minha passagem por Aveiro e pelo Beira-Mar foi uma experiência que eu teria de viver, por se tratar de um Clube de uma cidade de grandes tradições desportivas.

Devo hoje, à partida, a todos os dirigentes do Beira-Mar — sem esquecer o seu Secretário Geral, Carlos Sarrazola, mas, muito em especial, ao Presidente da Direcção, Angelino Apolinário — grande parte do êxito alcançado pela equipa, na arrancada que fez para recuperar os pontos necessários à permanência do Clube na I Divisão.

Não esqueço, também, o contributo que representou, para o triunfo obtido, a competência técnica e a dedicação do Dr. Óscar Neves e do massagista Helder Marques. Mas é principalmente aos jogadores do Beira-Mar que se ficou a dever a consagração de campeões da «liguilla», na qual o Beira-Mar foi, sem dúvida, a equipa mais regular e de mais firme valor.

Excelentes jogadores e melhores profissionais, os atletas do Beira-Mar foram, repito, os grandes e principais obreiros do triunfo.

Quanto ao futuro, antevejo para o Beira-Mar uma época mais tranquila e sem estes problemas de «liguillas» — pois o Presidente da Direcção permanece e os reforços conseguidos para a próxima temporada asseguram à equipa beiramarense todas as possibilidades de alcançar posição condigna, sob a orientação de um dos mais categorizados técnicos do nosso futebol, o treinador Manuel de Oliveira.

AMANHÃ — EM TOMAR

BASQUETEBOL

REPETE-SE O GALITOS – ESTRELAS DE ALVALADE na Final do "Nacional" da III Divisão

Não foi aceite o recurso que o Estrelas de Alvalade apresentou, relativamente à procedência do protesto feito oportunamente pelo Galitos, quando do desafio da final do Campeonato Nacional da III Divisão, disputado em 3 do mês de Julho em curso.

Deste modo, e como se previra logo que o Conselho Técnico da Federação Portuguesa de Basquetebol julgou procedente o protesto do Galitos, vai ser repetida a final do campeonato, pois ficou sem efeito o jogo em que os lisboetas ganharam, por 62-56.

O jogo repetição terá lugar no mesmo recinto do anterior — o Pavilhão de Tomar. E foi marcado para amanhã, sábado, com início às 21.30 horas.